



## I

## Introdução

A história é dor, a verdadeira história é a dos gritos. Eis a árvore: na árvore todo o trabalho obscuro<sup>I</sup> se congrega para produzir a flor. Os homens debalde se agitam, desesperam, morrem; a Ideia leva-os<sup>II</sup>, espicaçados pelo aguilhão da dor, para um destino natural de beleza. Não passam de títeres: pensam que resolvem, são impelidos, e essa mescla<sup>III</sup>, que um momento se atropela em cena — gestos, bocas amargas, farrapos tolhidos de dor e impregnados de sonho, essa nuvem de espectros agitados, desfaz-se logo em pó<sup>IV</sup>: as órbitas das caveiras que alastram a crosta terráquea não se despegam porém, di-lo Emerson, das estrelas do céu. Fica uma ideia no ar — fica um rasto na terra<sup>V</sup>: a dor transmite-se.

Todo o século XVIII resume-o<sup>VI</sup> na luta da Revolução contra fórmulas arcaicas. E isto é ainda uma aparência<sup>VII</sup>: mais fundo depara sempre com a máscara impenetrável da dor<sup>VIII</sup>.

O homem tem atrás de si uma infindável cadeia de mortos a impeli-lo, e todos os gritos que se soltaram no mundo desde tempos imemoriais se lhe repercutem na alma. — É essa a história: o que sofreste, o que sonhaste há milhares de anos, tateou, veio, confundido no mistério, explodir nesta boca amarga<sup>IX</sup>, neste gesto de cólera... Não é inútil nem sofrer, nem fazer sofrer, e não há grito que se perca no mundo. Nem o mais ignorado, nem o mais humilde. Escusas de te rir... E todo o esforço humano é no fundo uma lenta aproximação de Deus, assim como tudo na vida se resolve segundo a forma por que cada um encara Deus... A verdadeira história alimenta-se de gritos, mergulha raízes, alastra raízes nas almas,<sup>X</sup> surge na época de que trata este livro na independência da América e depois na Revolução.<sup>XI</sup> Há-de ser árvore desmedida no momento em que o homem encare Deus em toda a sua plenitude.

Mas a luta do pobre contra o rico, que é um pormenor,<sup>XII</sup> só foi possível quando o homem se convenceu de que a Igreja o iludira e de que a vida eterna não era a única vida real. Até aí: — sou perseguido, sou pobre? Melhor.

A igreja é uma arquitectura temerosa: oprime e esmaga — é esplêndida. Nunca hesita perante a dor (osso e carne não passam de cinza inútil) para que as bases dessa catedral sejam inabaláveis e profundas. Construiu-se do sofrimento dos humildes; é de pedra viva. E ei-la pronta para tudo: para fazer sofrer e para sofrer também. Sem dor a terra mirra-se, a terra sem dor — a que corresponde a falta de Ideal, de Sonho, de Intangível — é verdadeiramente infame. Essa galeria de homens extraordinários, prelados, inquisidores, papas, santos, doutores, secos e tremendos, furiosos como o raio, tenazes como o ferro, impiedosos e impassíveis, admiráveis e só ternura e perdão e castidade, é a mais bela série de figuras que a humanidade gerou. Mas a Igreja não pôde ou não soube ser desgraçada com o homem, e o espírito cristão mirrou-se-lhes nas mãos. Embora a Leão X sucedam papas austeros, almas de fogo, que diríeis vivificadas por novo baptismo: surjam embora Inácio, Teresa, Carlos Borromeu, e a fogueira arda e purifique, a Igreja, que foi uma árvore de espanto e ternura, não passa de aparência: secou<sup>XIII</sup>. O cristianismo vai morrer no mundo — para renascer só alma<sup>1</sup>. O que resta é fantasmagoria e matéria, muralhas, pedras, altares, alguns pobres encolhidos que teima em guardar intacta sua fé.<sup>XIV</sup> A Igreja perdeu-se por falta de humildade. É o momento de lhe fazermos justiça dentro da nossa própria consciência, a essa incomparável força que sustentou o mundo e alastrou raízes tão vivas e tão fundas<sup>XV</sup>, que, mesmo depois de cortadas, as sentimos bolir no fundo mais recôndito do nosso ser. A sua importância é extrema: no facto mais trivial ou nas revoluções que escacam fórmulas e tronos.

Talvez a terra farta de sofrer também sonhe, e, depois duma gestão laboriosa, crie<sup>XVI</sup> entontecimento, perturbações, força eléctrica que se comuniqua a este pó vivo, a humanidade: há até no homem obscuro, sujeito à regra mais minuciosa, sonho inesperado. Calca-o,

<sup>1</sup> SAMARITANA: — Senhor, nossos pais adoraram sobre esta montanha, ao passo que vós dizeis que é em Jerusalém que se deve adorar.

JESUS: — Mulher, em verdade te digo que chegou o momento em que ninguém há-de adorar sobre esta montanha, nem em Jerusalém, mas em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade.

submete-o, educa-o, molda-o; certa hora, como a primavera abala ao mesmo tempo a floresta inteira, a emoção abala-o: são os mortos que o impelem...

O primeiro grito, solta-o quem? Não importa. O primeiro grito solta-o um ser obscuro. Depois mais gritos, indignação e cólera. Este fala perante a Roma papal infame. Prega a ironia, surge o sarcasmo. É uma cadeia sem fim, que vem através da obscuridade e que traz consigo ânsia, sonho, aflição. Acumula-se. E há um momento afinal em que a Igreja é uma catedral de espanto, e já não existe. A pedra viva mirrou-se. O exterior, a massa imponente<sup>XVII</sup> que sobe nos ares, é um milagre. Mas o edifício monstruoso desdobra-se: além da que é visível, tem outra parte assente no fundo de cada ser. E essa abala-se e rui. A dor criara também outros homens. — É Rousseau, ser curioso em quem se junta toda a sensibilidade da terra, e que, quanto mais se enlameia, maior se torna e mais parecido conosco; é Diderot, é Voltaire, que revolve, ri e deruba — seco, nítido, irrespeitoso. A terra cisma, o homem cisma, e, junto com ele, todos os que sofreram no globo, já dispersos em pó, todos os que mergulharam as mãos no sonho e, com as mãos tintas de sonho, avançaram para a morte. Em Rousseau, repara, há outras criaturas anteriores, que lhe prestaram a sensibilidade adquirida num sofrimento secular; pela boca sarcástica de Voltaire riem — enfim! —<sup>XVIII</sup> milhares de bocas que a força estúpida entupiu. Um mundo de espectros rodeia na confusa Alemanha o solitário Klopstock que publica a *Messíada*, Lessing que se estreia na crítica, Schiller que impõe grandeza ao teatro e Fichte independência e carácter à filosofia de Kant. É só da própria desventura que Beethoven constrói, acaso, melodias sublimes? Não, nele congregam-se aspirações remotas<sup>XIX</sup>, e a desgraça ignorada daqueles a quem nesta vida nem mesmo foi dado chorar. O próprio Goethe, que na noite solitária se curva sobre um tratado de física e imagina o *Fausto*, tem à sua roda um mundo invisível, que não pôde exteriorizar seu sonho na existência transitória, e que o força num arranco a sonhar... É a raiz formidável que enlaça e trespassa o mundo até aos seus mais íntimos fundamentos. Acorda a fanática Espanha e a mesma força impele num sobressalto os povos: na Itália os poetas são perseguidos e expulsos. Descobrem-se não terras diferentes mas um novo homem. É outra estranha primavera: maior é a terra, e o céu infinito gera freneticamente a vida nas matrizes dos mundos. Tinha também aparecido — e quase se não dera por isso — uma outra força, a máquina. O ferro aliado ao que é imaterial transforma então o

planeta<sup>2</sup>. A máquina apressa, a máquina resolve, a máquina suprime o tempo. Há muito que na Holanda rangia o ferro dia e noite para espalhar os filósofos, os panfletários e os críticos...<sup>XX</sup> E a luta começa exactamente pela demolição de Roma<sup>XXI</sup>; a luta começa pelo revolver de ideias, de paradoxos, de infâmias. O século é céptico e materialista. É que enquanto a Igreja pára e cristaliza — e Deus envelhece<sup>XXII</sup> — o homem avança, e, um momento, não crendo na Igreja, que o esmaga, julga-se liberto para sempre da ideia de Deus<sup>XXIII</sup>. Foi um passo para diante? Decerto. Espedaçou fórmulas, mas não viu que mais se aproximava de Deus, exactamente quando dele julgara afastar-se. É que essa questão é a questão primordial: todas as revoluções são um passo para Deus.

<sup>XXIV</sup>Deus existe — Deus não existe. Cabe nestas palavras todo o problema da vida, toda a história dos últimos séculos e toda a mixórdia, toda a ânsia, todo o grotesco contemporâneo. Se Deus não existe reina a infâmia, o egoísmo, o sórdido interesse<sup>XXV</sup>. Quero encher-me e quem me contém? Rio-me das tuas baionetas, das tuas frases, das tuas leis. Não, se Deus não existe, não há palavras que expliquem o teu oiro e a minha pobreza, o teu gozo e a minha desgraça<sup>XXVI</sup>. Esfrangalho-te porque sou legião — chamo-me Miséria, chamo-me Fome... Desde que arrancaram ao pobre a ideia de Deus, transformaram o homem, fizeram na terra a maior das revoluções — e todas as revoluções, todos os destroços, todo o sangue é ninharia para o que está ainda para vir. Tudo até agora são passos iniciados para a formidável revolução final, para o tripúdio da besta à solta, que há-de incendiar o globo até se aproximar da verdade e do espírito. A história de há cem anos para cá é exactamente a história das consciências libertando-se de fórmulas, a tatearem na obscuridade<sup>XXVII</sup>. Precisamos de outra fé<sup>XXVIII</sup>. Sem Deus, egoísmo, interesse, avaréza, luxúria<sup>XXIX</sup> — soma total: infâmia. Tudo é admissível sem Deus. Vale repetir esta coisa trivial? Deus não coube dentro das paredes da Igreja; Deus não coube no palácio do Vaticano<sup>XXX</sup>, nas lóginas<sup>XXXI</sup> de Rafael, sob a cúpula de Miguel Ângelo, no imponente cenário de Roma — Deus cabe entre os quatro muros denegridos onde habita um pobre. Falsearam a ideia formidável, caminha para nós<sup>XXXII</sup> não sei que Sombra vaga e disforme que emerge da profundidade das almas — até que de novo te encontres, já livre de peias, mais perto da beleza eterna.

<sup>2</sup> O ferro, a máquina, são ainda criações do mesmo espírito, fundidos na mesma dor, caldeados na mesma lenta e obscura transformação através de séculos e de esforços, isto é dor. (1.<sup>a</sup> ed.: «isto é — dor.»)

Ninguém sabe que tempestade se desencadeou no globo. A nossa época, em que o Ouro substitui a Igreja e o Gozo a fé, é de mera transição. O que aí vem, furioso e desordenado, com desespero e gritos, é a justiça. Voltar para trás não é possível; já o não era, quando a máquina, fruto da mesma dor, se aliou aos enciclopedistas e aos poetas, que foram remexer no fundo da consciência dos desgraçados e obrigá-los a olhar cara a cara a desgraça. Tenho fé no homem — tenho fé na máquina. O erro dos que gozam à custa do sofrimento alheio, foi deixarem desencadear o instinto<sup>XXXIII</sup>. O que convém ao menor número que domina, é que os outros não ergam os olhos para o alto. Para uns<sup>XXXIV</sup> o Poder e a Vida; para outros a Dor e o Céu. Vive com a desgraça que é o teu quinhão, não sonhes que o sonho é um perigo, não discutas que a razão leva-te ao inferno. Só a fé nos salva. E uns, no alto, gozam, com ouro, infâmias, risos<sup>XXXV</sup>; outros, em baixo, cavam com desespero e fome. A Igreja bandeou-se com os poderosos e perdeu a fé. Eis o que não lhe será perdoado.<sup>XXXVI</sup>

Todos nós através do desespero e no negrume cerrado, sentimos que nos falta alguma coisa essencial à vida. Arrastamos um cadáver que nos pesa, e que outrora transformou a miséria e a dor... Entra o frio pelos buracos da casa?... Melhor, vêem-se as estrelas. Mais pobre, mais perto do céu. Houve no mundo uma coisa infame que deu ao escravo, na miséria atroz, a atroz resignação: que, do lado dos poderosos, o deixou esfomeado e nu, dando-lhe em troca o Cristo. Houve no mundo uma coisa necessária, horrível e esplêndida, a Religião. (Ponho de lado Cristo, Cristo nada tem que ver com a obra humana...). E quando alguém se insurgia — uma voz falava baixinho<sup>XXXVII</sup>: — Espera: há outra vida. Outra vida maior, outra vida intensa... — Mas essa voz extinguiu-se ou fala de tão longe que não conseguimos ouvi-la. Nem já existe. A ilusão não é necessária — a convicção é que é necessária. Sem ela morres de horror. Quero Deus. Neste vasto globo sinto-me submerso e perdido: tenho a meu lado um fio de ternura, duas ou três mãos, que aperto e sinto nas minhas mãos ansiosas, mas afundo-me no oceano bravo onde nascem os mundos e onde rola o planeta, onde sei que há a árvore e a desgraça, se me falta uma<sup>XXXVIII</sup> raiz a que me apegue. Mas verdadeira, inabalável, de ferro, em que eu na realidade creia e possa crer, e não um simulacro...<sup>XXXIX</sup> — a raiz da Vida...<sup>XL</sup>

É este o momento — e nenhum outro — de aflição e de espanto, de gerarmos um novo Deus. Precisamos dele, doutro drama da Paixão, de outro Cristo para o pregarmos na cruz. Tenho já nas